

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Prod. Cultural / Cinema

Data: 21/04/94 Pg.: 89

CINEMA

'Baraka' é viagem mística de som e imagens

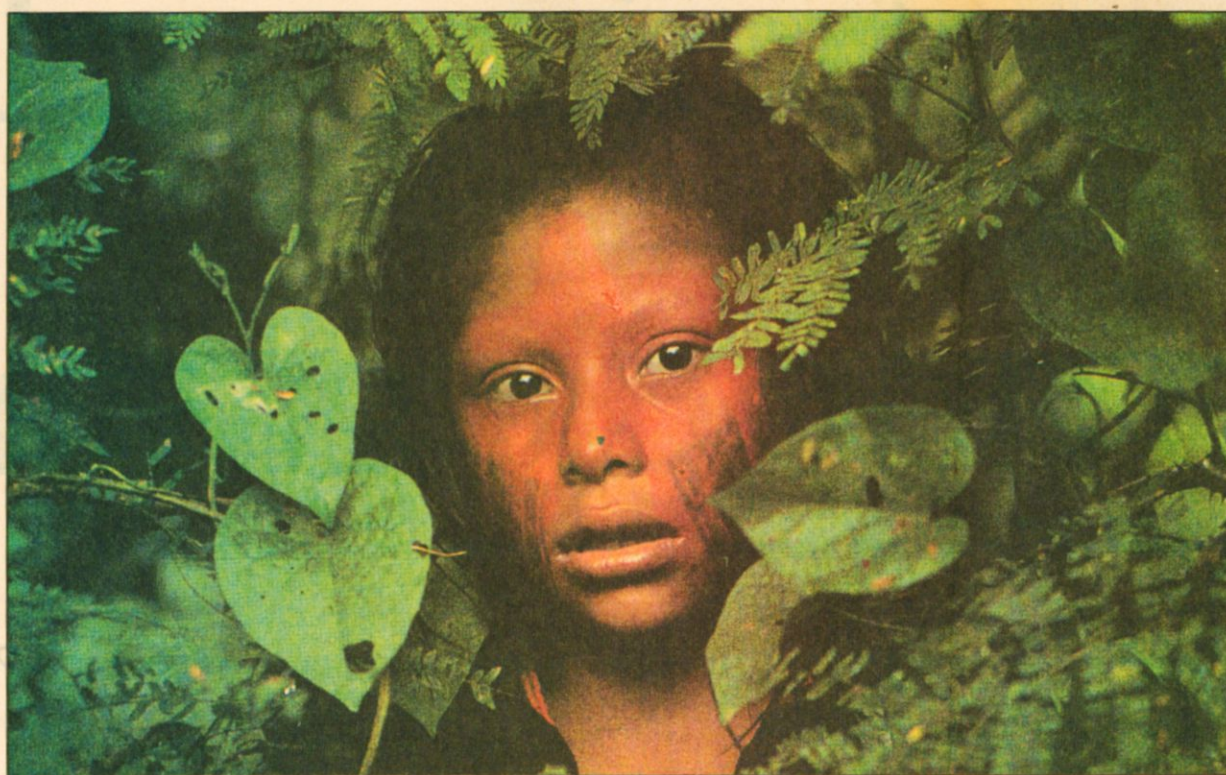
Ron Fricke passou por 24 países para mostrar a busca espiritual no filme que estreia hoje

Já se disse que o cinema de ponta abandonou a pesquisa formal para se concentrar na busca do sagrado. Pode ser. Em todo caso, se alguém está procurando transcendência no escurinho do cinema, a indicação é *Baraka*, do diretor Jon Fricke. De certa forma, *Baraka* é apenas a continuação de um trabalho. Fricke foi fotógrafo e co-montador de *Koyaanisqatsi*, de Godfrey Reggio, autor também de *Powaqqatsi*, os dois filmes ambientalistas que suprimiram as aspirações místicas do público nos anos 80.

Como diretor, Fricke segue Reggio, ma non troppo. A estrutura dos filmes é formalmente parecida. Não há falas. Só imagens e som. De grande qualidade, ambos. Reggio ia de minimalismo, com Philip Glass. Fricke se afina com Michael Stearns, que compôs trilha de grande eficiência (leia texto ao lado).

Se a estrutura é parecida, muda o conteúdo de fundo. Como Reggio, Fricke filma em diversos países, 24 para ser exato, Brasil inclusive, com imagens de índios, da Rocinha, de Porto Velho e de São Paulo. Reggio colocava seu catolicismo no conflito entre civilização e meio ambiente. Seu intuito era pôr em evidência a relação culpada do homem com um mundo que ele teima em destruir.

Fricke busca uma ascese laica. Não renega o conflito. Explicita-o como parte da vida. Para Fricke, Reggio era maniqueísta — a natureza é o bem, o homem é o mal. Fricke supera essa dicotomia meio simplista. Pensa a estrutura da existência à maneira de Heráclito, para quem



Índio caiapó: uma das imagens registradas no Brasil pelo diretor Fricke no documentário 'Baraka'

criação e destruição são duas vertentes necessárias da vida. O que aparece é o mundo, em sua diversidade desconcertante, seus contrastes, suas nuances. A ausência de falas não é uma estratégia estética pela negatividade. Palavras são dispensáveis. *Baraka* que, em árabe significa "a fonte da vida", é uma viagem. Vale a pena embarcar nela.

(Luiz Zanin Oricchio)

SERVIÇO

Baraka. EUA, 1992. Direção de Ron Fricke. Documentário com imagens filmadas em 24 países, inclusive no Brasil. Em cartaz no cine Vitrine

Trilha mescla acústico e eletrônico

Em conversa com o Caderno 2 no ano passado — quando *Baraka* foi exibido na Mostra Internacional de São Paulo —, Ron Fricke rejeitou a definição de documentarista. Disse que faz 'guided meditations' — meditações dirigidas. A ideia transparece no filme que estreia hoje e na trilha, assinada por Michael Stearns, que a BMG vai colocar no mercado, com o selo Milan.

Fricke foi fotógrafo e montador de *Koyaanisqatsi*. Todo mundo

vai dizer que ele segue a trilha de Godfrey Reggio. Fricke diz que não. Muitas das ideias de *Koyaanisqatsi* são dele. Stearns também não é o seu Philip Glass. O compositor acompanhou a rodagem. Coletou sons originais em diversos países. Sons da natureza, da voz humana, sons de instrumentos primitivos. Mistura o acústico com o eletrônico. O resultado tem identidade própria. Mesmo desvinculado das imagens, impressiona. (L.C.M.)